

AS ESCUTAS-TERAPÊUTICAS NAS EDUCAÇÃO-ESCOLAS: PEDAGOGIAS CULTURAIS NO SERIADO TELEVISIVO *SEX EDUCATION*

Alexandre Luiz Polizel¹
Moises Alves de Oliveira²

RESUMO: As discussões acerca dos gêneros e sexualidades pululam. Múltiplas são as disputas por reconhecimento, direitos humanos e por voz. As educação passam a ser repensadas pelas teorias (pós)críticas, e suas influências dos movimentos minoritários. As educação para as sexualidades passam a ser discutidas, com o intuito de refletir acerca de corpos, saberes, linguagens e modos de existir. O espaço educativo enquanto espaços éticos, estéticos, políticos, epistemológicos e ontológicos, passam a ter papel central no pensar as potencialidades do porvir. Tais discussões colocam os regimes morais, modelos de sociedade e a própria concepção de sujeito sob o crivo da crítica e da clínica – elaborando assim o olhar construcionista desta e de outras possibilidades menos excludentes. Os artefatos culturais passaram a ser reeditados sob a óptica da diferença, e as pedagogias culturais traçaram outras formas. O presente trabalho tem por arcabouço tal óptica, as contribuições dos Estudos Culturais das Ciências e das Educação, e tem por objetivo apresentar as linhas constitutivas das pedagogias culturais no seriado televisivo *Sex Education*. Tal seriado é escolhido por representar as dinâmicas em um espaço de trânsito entre os muros da escola, bem como devido a sua enunciação diretiva de temas que remetem as identificações-diferenciações-diversidades. As analíticas são traçadas a partir das teorizações das pedagogias culturais e dos estudos de gêneros e sexualidades. Evidencia-se a composição pedagógica da série a partir de três eixos analíticos: a) As terapêuticas na escola, a composição de tal espaço enquanto campo de desejos-identificações-diferenciações a partir da fala-escuta; b) A sexualidade enquanto fundadora de heterotopias, da criação de espaços múltiplos em que pluralidades de corpos, linguagens e saberes se instauram; e c) A incompletude do analista, dando subsídio às reflexões do ser em (des)construção (des)contínua e no fazer-se sujeito enquanto trabalho de Sisifo.

Palavras-chaves: Educação. Diversidade. Sexualidades. *Sex Education*.

THERAPEUTIC-LISTENING IN EDUCATIONS- SCHOOL: CULTURAL PEDAGOGIES IN THE *SEX EDUCATION* TV SERIES

Abstract: Discussions about gender and sexuality are rife. There are multiple disputes over recognition, human rights and voice. Educations start to be rethought by (post) critical theories, and their influences from minority movements. Sexuality educations are discussed, with the aim of reflecting on bodies, knowledge, languages and ways of existing. The educational space as ethical, aesthetic, political, epistemological and ontological spaces, has a central role in thinking about the potential of the future. Such discussions place moral regimes, models of society and the very conception of the subject under the scrutiny of criticism and clinic - thus elaborating the constructionist view of this and other less exclusive possibilities. Cultural artifacts began to be reissued under the perspective of difference, and cultural pedagogies traced other forms. The present work has as its framework, the contributions of Cultural Studies of Sciences and Education, and aims to present the constitutive lines of cultural pedagogies in the television series *Sex Education*. Such series is chosen because it represents the dynamics in a transit space between the school walls, as well as due to its directive enunciation of themes that refer to the identifications-differentiations-diversities. The analytics are drawn from the theorizations of cultural pedagogies and studies of gender and sexuality. The pedagogical composition of the series is evidenced from three analytical axes: a) Therapeutics at

¹ Professor colaborador no Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina. Doutorando em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Narrativas, Culturas e Ciências; membro no Grupo de Estudos Culturais das Ciências e das Educação. E-mail: alexandre.polizel@hotmail.com

² Professor no Departamento de Química da Universidade Estadual de Londrina. Professor no programa de pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina. Coordenador do Grupo de Estudos Culturais das Ciências e das Educação. E-mail: moises@uel.br

school, the composition of such a space as a field of desires-identifications-differentiations from speech-listening; b) Sexuality as the founder of heterotopias, the creation of multiple spaces in which pluralities of bodies, languages and knowledge are established; and c) The analyst's incompleteness, giving support to the reflections of the being in (un) continuous (un) construction and in making himself subject as Sisifo's work.

Keywords: Education. Diversity. Sexualities. Sex Education.

Notas Introdutórias

Pensar a Educação hoje consiste em desenvolver reflexões acerca dos processos de elaboração, socialização e interiorização de saberes; bem como refletir nas derivações de produções de realidades. É a movimentação do pensar, interpretar e enunciar mundos e realidades aos quais desejamos, ou não, experienciar (MOSE, 2013). Esta dinâmica do desejo, move-nos a pensar a educação como algo que opera por ser desejado (FREUD, 1990; 2017), e/ou porque agenciamos o desejar (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

Assim, pensar a educação é pensar as realidades que desejamos enunciar e os saberes que serão inventados, criados ou repetidos para manter as compreensões de mundo vigentes, que formas de vida buscamos produzir-educar. Chamamos formas de vida, com Vladimir Safatle (2008, p.12), “um conjunto socialmente partilhado de sistemas de ordenamento e justificação de conduta nos campos do trabalho, do desejo e da linguagem”. Consideramos assim pois compreendemos que a educação trabalha³ ao produzir sentidos, significados, objetos e modos de ser (FOUCAULT, 2014; 2015); cria modos de desejar, investir libido nos processos de racionalização das experiências (FREUD, 1990); e o faz em um limiar da linguagem que diz o mundo, o produz, aciona modos de subjetivá-lo⁴ e socializá-lo⁵ (FROMM, 1983; FOUCAULT, 2013; 2014; 2015). São formas de vida

³ Consideramos o trabalho enquanto um ato-ação-agir que emprega a produção de sentidos, significados, coisas, poderes, saberes, verdades, espaços e modos de subjetivação (FOUCAULT, 2013; 2014; 2015; SAFATLE, 2008; 2017).

⁴ Compreende-se neste manuscrito como subjetividade, subjetivação e modos de subjetivação, os processos e as técnicas pelos quais os corpos elaboram-se enquanto sujeitos. Este processo envolve as relações de identificação, diferenciação e reconhecimento – em relação a modos de vida –, bem como de localização discursiva em enquadre de saberes-epistemologias vigentes (FOUCAULT, 2014; 2015; SAFATLE, 2008).

⁵ A elaboração de uma realidade em comum atravessa o compartilhamento da percepção desta realidade, de um mundo compartilhado. Estas trocas-compartilhamentos de modos de viver, experienciar, interpretar e enunciar o mundo é o que tratamos enquanto processos de socialização.

está articulação que ordena a existencialidade nas dobradiças trabalho-desejo-linguagem.

Tal conjunção é operativa por uma via erótica, ao passo que nunca finda de produzir-se em direção a um desejável, a um Outro possível. No processo de produzir-desejar-enunciar a educação é feita como um palco do diverso, é prática que “interrompe a perspectiva do um e faz surgir o mundo” com os outros, introduzindo assim sempre “um novo modo de ser, um modo de ser totalmente diferente” (HAN, 2017, p.78-79). A educação é erótica quando busca assim esta inventividade, que não se finda, que em constante devir busca mais.

Este fazer-se erótico é um ato, ação, prática, é uma demanda do trabalho-desejo-linguagem que investe neste agenciar. São marcas deste agir para erotizar a educação as teorizações críticas e pós-críticas na educação, que se colocam a perguntar-se sobre as educações que trabalhamos-desejamos-enunciamos e que corpos cabem nesta. Este ato (pós)crítico vem das margens, do passar pela palavra das minoridades. Minoridades que investem em uma educação que “não é modelo e não pode tornar-se modelo, pois quando estabelece isso acontece – se acontece – ele torna-se maior, estabelecido, instituído” (GALLO, 2016, p.24); minoridades pois ecoam das margens de uma hegemonia e buscam perturbá-las.

Tomas Tadeu da Silva (2015) pontua que tais movimentações (pós)críticas, devidas de movimentos minoritários como: movimentos operários, feministas, étnico-raciais, do campo, das matas, de Lésbicas, Gays, Bissexuais e pessoas trans... demandaram pela erotização da educação, por um currículo que invista no desejo e na heterogeneidade, por sua diversificação. Estes fizeram, dentre as temáticas inseridas para pensar as educações, os gêneros e sexualidades pulularem nas discussões educativas – dentro e fora dos espaços escolares.

Neste pulular, demandaram pela produção de artefatos culturais para além de uma normação pedagógica; demandaram outras gramáticas de uma educação erótica que se dão na linguagem, investem em agenciar as diferenciações dos desejos, atravessam práticas-tecnologias outras de produção de realidades. Tais demandas torceram currículos que passaram a questionar seus efeitos de generificação-sexualização normativa, para reiterá-las ou dar espaço para outros modos mais diversos de generificar-sexualizar (SILVA, 2015); tracionaram as mídias de massa e suas produções a pensar as representações carreadas nas mesmas,

buscando ampliar o leque de identificações possíveis em seu escopo, seja para ampliar a freguesia e/ou para atender as demandas minoritárias (SAFATLE, 2008).

É neste pensar as educações eróticas que são produtoras e produções de artefatos culturais outros, que voltamos nosso olhar as pedagogias culturais produzidas pelo seriado televisivo *Sex Education*. As pedagogias culturais por: compreendermos com Michel Foucault (2013; 2014; 2015), que os processos de saber-poder-verdade são articulados, bem como que as relações de poder são mais efetivas onde são mais sutis – sendo as produções midiáticas espaços de sutileza de poder; entendermos que os artefatos culturais operam pedagogias culturais, ou seja, difundem saberes, educam corpos e produzem conhecimentos (KELLNER, 2001; NELSON, TREICHLER, GROSSBERG, 2013); instigar-nos refletir sobre os artefatos culturais que se colocam a falar sobre as sexualidades e seus possíveis efeitos do erotiza as educações; por ser uma representação televisiva do limiar escolar, falando a partir de uma escola em uma produção midiática assistida fora do espaço escolar.

Desta óptica, temos por objetivo neste manuscrito apresentar as linhas constitutivas das pedagogias culturais no seriado televisivo *Sex Education* e de seu erotizar das educações. Para tal organizamos este texto: i) Elaborando Críticas-Clínicas, apresentando a produção do campo e dos movimentos de análise-diagnóstico; ii) As terapêuticas na escola, mostrando a composição de tal espaço enquanto campo de desejos-identificações-diferenciações a partir da fala-escuta; b) A sexualidade enquanto fundadora de heterotopias, apresentando os processos da criação de espaços múltiplos em que pluralidades de corpos, linguagens e saberes se instauram; e c) A incompletude do analista, com enfoque no papel do protagonista, dando subsidio às reflexões do ser em (des)construção (des)contínua e no fazer-se sujeito enquanto trabalho de Sisifo.

Elaborando Críticas-Clínicas da Cultura

Analisar as pedagogias culturais no seriado televisivo *Sex Education* e seu erotizar das educações envolve a elaboração de um olhar. Elaboração que consiste em movimentações de atribuição de sentidos e deslocamento de processos de significação sobre algo. Para desenvolver tal elaboração valemo-nos dos

instrumentais articulados: os Estudos Culturais das Ciências e das Educações, as Críticas e as Clínicas. Articulação que trataremos como Críticas-Clínicas da Cultura.

Os Estudos Culturais das Ciências e das Educações, um campo “interdisciplinar, transdisciplinar e algumas vezes contra disciplinar” (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 2013, p. 12), que nos convida a análise como “uma espécie de processo, uma alquimia para produzir conhecimento [...] sobre o domínio da cultura” (idem, p.9). Convida a re-conhecer as produções culturais enquanto processos sem significado fixo, derivação constante e a partir de seus efeitos. É campo que propõe um olhar que não se fecha, mas que trata das possibilidades a partir de modos de verificação: pragmáticos, ao passo que as análises são produtos dos efeitos; materialistas, considerando que há condições no percurso da análise e da própria produção do artefato analisado; contestativa, colocando em questionamento também “suas próprias e sedimentadas práticas ao encontrar novas formas de articular seu papel” (idem, p. 31).

As produções são compreendidas neste sentido menos de um olhar das intencionalidades (SAFATLE, 2008), e mais em um olhar das funções-efeitos que estas fazem operar, das racionalidades que criam para a justificação e elaboração das próprias culturas. Não há para os Estudos Culturais um campo de saber privilegiado, desarticulado ou ahistórico, existem modos de instaurar-operacionalizar os saberes que partem de modos de verificação distintos. Os artefatos culturais, neste sentido, são atores-agentes-agencias não-humanos que mobilizam-modalizam as culturas, que agenciam-educam o olhar (KELLNER, 2001), operacionalizam pedagogias culturais (ANDRADE; COSTA, 2017).

As Críticas, como nos emprestam o olhar Michel Foucault (1990) e Judith Butler (2013) contribuem ao nos emprestar ao olhar de um aspecto relacional, ao passo que a “Crítica é sempre crítica de alguma prática” (BUTLER, 2013, p. 1), é sempre crítica de algo. A atitude crítica é sempre uma movimentação do abrir, cortar, colocar algo em evidência, em seu agir (FOUCAULT, 1990); bem como é ato do conectar, por sempre requerer a coisa ao qual lança o olhar da crítica (BUTLER, 2013). É a própria atitude crítica que delinea o que se pode ou não conhecer (FOUCAULT, 1990).

Para Vladimir Safatle (2008), a crítica é a prática que movimenta o colocar as formas de vida em questionamento, mobilizando-modalizando análises sobre

elaboração, funcionamento e manutenção de tais modos de vida. Para este a crítica é o ato de pensar sobre, é movimento diagnóstico que permite enunciar o que é identificável no campo-objeto⁶ analisado, traçar os circuitos que operam e fazem operar – e é a isto que chamamos de linhas constitutivas –, é o investimento do trabalho-desejo-linguagem para nomear-dizer o analisado.

As Clínicas, nos convidam a voltar o olhar ao campo-objeto a partir da óptica do desejo e dos sintomas (*sympitien*), de quais pulsões-agenciamentos produzem os artefatos culturais, os fazem acontecer. O olhar a partir da clínica atravessa uma não moralização-julgamento, guia a busca de um entendimento de que as identificações-representações são educadas e criadas a partir dos trabalhos-desejos-linguagens empregados-veiculados (SAFATLE, 2008) – neste caso, pelo artefato cultural *Sex Education*. A clínica convida então a escuta, a compreensão de que as demandas-ideações⁷ (FROMM, 1983) da contingência de produção-veiculação do artefato cultural, seus efeitos desejantes acerca dos modos de ser.

Assim, um olhar pelas Críticas-Clínicas da Cultura leva-nos a um processo de compreensão dos modos de existências e culturas por meio de uma diagnose das linhas constitutivas do analisado, considerando esta uma análise enquanto aberta, interpretativa, relacional, contingencial, contestativa e desejante-sintomática.

Para tal investimento analítico, voltamos nosso olhar ao seriado televisivo Britânico *Sex Education*. Seriado criado por Laurie Nunn, estreado em 2019 e veiculado pela plataforma de streaming *Netflix*[®]. Atualmente a série conta com duas temporadas disponíveis, compostas por dezesseis episódios (oito episódios em cada temporada). Foram consideradas na análise os episódios, assistidos na íntegra e tomadas notas de memória, registros cujo intuito era lançar mão de um olhar hermenêutico guiado-articulado a conceitos de arcabouço Crítico-Clínico da Cultura.

As terapêuticas na escola

⁶ O emprego do conceito de objeto neste manuscrito não prescinde uma dicotomia dos enquadres modernos entre sujeito e objeto. Tal termo é neste sentido empregado para indicar a localidade-corpo-campo ao qual o desejo é voltado e investido, aquilo que move o investimento libidinal.

⁷ A ideação é empregada enquanto processo psíquico-desejante de elaborar uma fantasia, idealizar, projetar em um campo imaginário-fantasioso-simbólico.

O seriado televisivo Britânico *Sex Education* tem em sua trama dramática as vivências dos jovens na escola Moordale acerca de temas contemporâneos: Sexualidades, Juventudes, Infecções Sexualmente Transmissíveis, Saúde Mental, Relações Familiares, Diversidades... O eixo de gravitação da série dá-se em torno do protagonista Otis (Asa Butterfield) que produz o acontecimento do seriado ao deslocar as dinâmicas no ambiente escolar a partir de seus aconselhamentos-escutas no ambiente escolar que tocam aspectos das subjetividades dos estudantes, suas sexualidades e sintomas.

O fio condutor do seriado televisivo consistir em processos de aconselhamentos-escutas nos dá indícios sobre uma sociedade que se representa em torno de tal demanda, sendo ao menos três fios constitutivos desta: alienação, hiperexcitação e desterritorialização.

Sob inspirações em Erich Fromm (1983), vemos os processos de alienação comuns a contemporaneidade atrelada ao mal estar da civilização hoje. Isto por que a alienação se encontra atrelada a processos que sustentam a organização social vigente por meio ad “quantificação e abstratificação” (FROMM, 1983, p. 115). Processos que alienam por retirar dos sujeitos o reconhecimento, e abstraem por tornar os papéis sociais difusos e abstratos. A ampliação populacional e, conseqüentemente, de sujeito nas múltiplas instituições sociais – dentre elas a escola –, converteu-os em uma representação numérica, seja em seu documento, código postal, notas, horários de entrada e saída no trabalho... Ao tornar-se um padrão numérico, torna-se um ente abstrato: não se é reconhecido, não há escuta, não há fala, não há sujeito.

Não se é mais sujeito pois está codificado em uma instancia abstrata a ponto de não ser lido-ouvido pelo Outro. Sinaliza-se neste olhar a demanda de escuta enquanto uma busca de colocar em evidenciar as crises dos processos de reconhecimento, que só são possíveis se os saberes-dizeres de si forem localizados, possuírem um sujeito da enunciação, situá-los para além do número e abstração. É preciso re-atribuir qualidades aos corpos.

Em consonância a tal analítica, por outras vias, Michel Foucault (2015) pontua o dispositivo da sexualidade como um dos modos de localizar os corpos-sujeitos. Para tal o autor pontua que para qualificar-se fala-se

de um extremo a outro o sexo se torno, de todo modo, algo que se deve dizer, e dizer exaustivamente, segundo dispositivos discursivos diversos, mas todos constrangedores, cada um a sua maneira. Confidencia sutil ou interrogatório autoritário, o sexo, refinado ou rústico, deve ser dito. (FOUCAULT, 2015, p. 36)

Falamos, neste sentido, de sexualidade “mais do que qualquer coisa” (idem, p.37), seja com sujeitos de um suposto saber especializado – como professores, pedagogos, psicólogos, psicanalistas, psiquiatras, médicos... –, seja com nossos pares, pois falar sobre as sexualidades é um trabalho de localizar nosso desejo pela linguagem. É o falar sobre sexualidade que posiciona os corpos e os atribuem qualidade, permitem que sejam reconhecidos. É a isso que trato como produtor de um sintoma de hiperexcitação, pois a palavra nos constitui, contudo é sempre somada a outra palavra – o sujeito nunca para de se constituir.

A dinâmica da organização social contemporânea é perversa, no sentido que agencia o corpo-sujeito a ser cada vez mais qualificado, observado e posicionado. O sujeito neste sentido se exaure de tanto colocar a narrar a si, posicionar-se pela linguagem, saturar-se. Em meio ao bombardeio de dizeres de si é precarizado o processo de escuta (FROMM, 1983; MOSÉ, 2013; HAN, 2017). Há neste sentido a demanda de escuta.

Em meio a alienação e a hiperexcitação, a dobradiça é percebida por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010), ao pontuarem as dinâmicas de desterritorialização contemporâneas. Percebe-se que os pontos de fixação ruíram, a falência das metanarrativas associadas a uma organização social que demanda o constante movimento, inventividade, excitação e consumo, levaram as fronteiras a dificultar as rodas da produção. Os muros-limites passaram a ser compreendidos enquanto obstáculos dos investimentos econômicos e suas transformações. O que passou a reger foi a desterritorialização.

Este cenário levou a uma dificuldade, se não impossibilidade, de se localizar no espaço-tempo. Posições de sujeito foram substituídas pela leitura de contingencialidade, contexto ou localização da fala. A escuta, contudo, é um processo de demanda lentidão, reflexão, localização... A própria *de*-codificação da fala requer uma territorialização, um espaço organizativo, elaborar órgãos. Os órgãos prescindem a função, o sujeito é se ele funciona-atua enquanto sujeito. A navegação desterritorializada não permite isso, joga os corpos aos fluxos. A

demanda de escuta é nesse sentido uma demanda de ancorar-se em meio as ondas que os carregam.

Sex Education traz tais reflexões nas ausências de seus discursos: não se procura professores, educadores ou diretores para escuta, tais figuras de autoridade encontram-se abstratas; fala-se de sexo a todo momento, de modo hiperexcitado, (hiper)performativo, nos encontros com substâncias que alteram as percepções para falar-fazer mais; não se localizam, estão se localizando constantemente na série. Os encontros para com a escuta são dados-torcidos a partir da figura de Otis, outro estudante disponível a escutá-los. É Otis que desempenha uma função-escuta⁸, função-terapeuta, função-analista; é Otis que funda processos terapêuticos mais evidentes no curso da série.

Isto pode ser compreendido na própria construção dos encontros de Otis, que representam o delinear de uma terapêutica: i) a figura de sua mãe Dra. Jean (Gillian Anderson), que é terapeuta sexual⁹; ii) seu melhor amigo Eric Effiong (Ncutie Gatwa), representando um jovem, gay, negro de família conservadora; e iii) Maeve Wiley (Emma Mackey), uma das estudantes de Moordale que representa um mix de estudante alternativa, mal-falada, com iniciativa, ao qual Otis nutre uma relação controversa de amizade e amor romântico.

Há nesse sentido, três figuras constitutivas de Otis enquanto sujeito que se compõe eticamente à escuta-terapêutica: a mãe-terapeuta, o amigo-minoritário e a enamorada. Poder-se-ia tratar tais figuras enquanto linhas que tramam uma pedagogia da escuta (trabalho-prática), uma ética da escuta (desejo), ou aspectos conceituais (linguagem) para compreensão da terapêutica. Optamos neste

⁸ Consideramos a partir da óptica localizada deste manuscrito a não existência de essencialidades e ontologias cristalizadas, mas que os processos elaborativos de posição de sujeito, de ser e usos conceituais refletem a função operativa destes nos quadros de referência vigentes. Em síntese, as leituras de mundo (como citadas de escuta, terapêutica, analista, sujeito, e até os conceitos aqui empregados) são, pois, funcionam e são interpretadas como tais.

⁹ Poder-se-ia considerar a figura de Jean enquanto uma figura de escuta-terapêutica na escola ao considerar a segunda temporada, em que após um surto de Clamídia esta passa a atuar na escola enquanto profissional que irá escutar os alunos e suas demandas, contudo: i) A ida de Jean a escola tem um atuar preocupado com a formação dos professores e a não preparação destes para lidar com o surto, fazendo-a operar mais em um aspecto de instrumentalização formativa do professorado do que de escuta-terapêutica; ii) Jean toma nota das demandas dos estudantes visando a escrita de um novo livro que irá destacar sua carreira, há nesse sentido uma ideação de si que obstaculizaria o processo de escuta-terapêutica; iii) No atendimento aos estudantes Jean responde dúvidas ao invés provocar os estudantes a uma associação livre, há nesse sentido mais uma função-consultora do que uma função-escuta-terapêutica. Não negamos aqui a ação de Jean enquanto escuta-terapêutica para com sua clínica e até mesmo no âmbito escolar com a mulher do diretor, Maureen, contudo o papel de escuta-terapêutica com os estudantes na série é protagonizado por Otis.

manuscrito por tratar estes três aspectos enquanto articulados, híbridos indissociáveis – a não ser para caráter didático.

No que confere a relação com sua mãe-terapeuta, Otis é elaborado desde a infância juntamente a esta. Vê-se no decorrer da série que é Jean que se faz presente na infância e adolescência do filho, enquanto o pai encontra-se ausente, devido a traição de sua ex-esposa e mãe de Otis (Jean) e sua ida para morar em outro país¹⁰. É neste sentido Jean que toma centralidade no núcleo da interioridade-subjetividade de Otis: ela sempre está em casa, o próprio consultório terapêutico de Jean ocorre no espaço domiciliar, ela transita e margeia todo espaço que representa a interioridade de ambos; mesmo o quarto de Otis é constantemente margeado – representações da mãe na porta –, ou até mesmo invadido por Jean. Vê-se nesta relação mãe-filho, casa-interioridade, privado-terapêutico... como territorialidade na qual Otis é formado, ao passo que o próprio espaço da privacidade-interioridade é também um espaço da mãe-terapeuta/terapêutica.

É Jean que escuta os desejos dos Outros, e investe para ouvir os desejos de Otis; é a mãe-terapeuta que ocupa o espaço de um sujeito de suposto saber¹¹, que lhe coloca em relação com saberes acerca dos desejos-sexualidades; é sua mãe que cuida dos Outros, e cuida de Otis. A perspectiva da escuta é vista a partir de Jean como um olhar para com o cuidado, haja vista que ela acolhe os sujeitos, reconhece-os em seus desejos e angústias e interpela os Outros convidando-os a falar de si (FIGUEIREDO, 2009), com o intuito de colocar o outro a associar sua fala-desejo-escuta e desenvolver outras relações com seus sintomas. Tudo isso acontece no espaço da interioridade compartilhada, a casa, de Otis e Jean. Nesse sentido, as relações com a mãe-terapeuta, coloca Otis nas relações transferenciais

¹⁰ Evidencia-se que a relação de Otis com o pai consiste em um sentimento ambíguo de desejo de aproximação-distanciamento, de ruptura-repetição (FREUD, 1990; 1996). Contudo, devido a participação secundária do pai na série, não foi considerado neste manuscrito a atuação direta do pai na conformação de escuta-terapêutica de Otis – a inferência que seria possível até este ponto, seria o tornar-se analista como ato criativo de romper com aquele que foge, trai e se ausenta.

¹¹ Sujeito de suposto saber, ou sujeito suposto saber, consiste em uma conceituação de origem lacaniana. Esta remete que para que ocorra um processo de análise é preciso identificar no Outro-analista (e supor) que este possui algum saber que auxilie nos processos de compreensão de si e reconhecimento do desejo. É o sujeito de suposto saber que possibilita um distanciamento no qual é possível simbolizar (SAFATLE, 2017).

de cuidado, escuta, desejo, e em meio ao campo de saber das psicanalises-sexologias¹².

Isto é evidenciado em um segundo momento, Otis leva tais traços constitutivos de si – a partir da relação com a mãe-terapeuta – para a escola, logo no primeiro episódio do seriado ao Adam (Connor Swindells) após tomar um fármaco para estimular a ereção peniana tem problemas, sendo que Otis é levado com Maeve até um banheiro desativado para escutá-lo e dar aconselhamentos. A partir de tal acontecimento a série tem sua trama iniciada, e Otis passa a operar a escuta-terapêutica em vários outros casos: assexualidade, bissexualidade, repressões sexuais, métodos contraceptivos, Infecções Sexualmente Transmissíveis... Diz-se isso pois a trama só é possível devido ao posicionamento de Otis como sujeito que escuta-cuida-sabe, aspectos que fundam o esquema de terapêutica psicanalítica (FREUD, 1990), aspectos que são constituídos a partir da relação com a mãe-terapeuta.

Há uma segunda linha constitutiva de Otis enquanto operador de uma escuta-terapêutica na escola, que consiste em sua relação de amizade-minoritária com Eric. Michel Foucault (2014, p.66), ao pensar as dinâmicas históricas da constituição de um cuidado de si e do Outro, pontua ao retomar aos gregos o papel das “conversas com um confidente, com amigos [...] as quais se acrescenta a correspondência onde se expõe o estado da própria alma [...] um exercício benéfico [...] pois assim ele os reatualiza para si próprio”, um exercício de encontros e desencontros que possibilita o cuidado de si e do Outro.

Vê-se que Otis e Eric encontram-se como amigos, sob o princípio de que “são semelhantes” (ARISTÓTELES, 2015, p. 214), de que se escutam sem requisito de aconselhamento. Eric em nenhum momento da série requisita uma escuta-terapêutica de Otis, estes já se escutam em sua relação. Um possibilita que o Outro exista pois estão escutando-se, e neste movimento identificando-se.

A identificação é posta por Vladmir Safatle (2017), enquanto “processo de constituição de laços sociais” que explica a dimensão produtiva-constitutiva, é nesta

¹² Neste momento do texto foi empregado psicanalises-sexologias, a considerar que: i) tais campos de saberes emergem tendo como base o olhar as sexualidades, sua escuta e elaboração; ii) a série não demarca especificamente se há uma cisão entre tais campos ou se eles são operados em conjunto, devido a isto optamos pelo nosso olhar Crítico-Clinico da Cultura em considerá-los indissociáveis; iii) intencionando demonstrar tais campos como hibridizados e indissociáveis.

identificação de Otis e Eric que estes fazem-se e reafirmam a si e a suas diferenças. Este processo de amizade e elaboração de si não é passivo e harmônico, mas agonístico, sendo percebido nos pontos de quebra de pactos entre Otis-Eric. A exemplo disso evidencia-se o episódio em que Otis não comparece para o encontro combinado e tradicional dos dois para ir assistir *Hedwig: Rock, Amor e Traição*¹³, e Eric é roubado e espancado por estar sozinho, o que sinaliza os processos de disjunção, dor e desvinculação do identificar-se; sendo que as trocas, cuidados e escuta entre ambos leva a uma re-identificação, ao reestabelecimento dos vínculos de amizade e/ou resignificação da quebra.

Para além disso a amizade de Eric representa uma amizade-minoritária, a considerar os traços minoritários que constituem Eric (gay-negro-periférico-*fashionista*), bem como sua força motriz: é Eric que representa o enfrentamento e deslocamento das linhas do conservadorismo, ao tracionar o conservadorismo-tradicionalismo familiar em relação a sua sexualidade. É Eric que coloca para Otis aquilo que Marilena Chaui (1984) e Wilhelm Reich (1983) pontuam, que a escuta-terapêutica não é possível sem transformação e do sentimento e da ideia de outras realidades possíveis. É o minoritário que coloca a repetição sob o julgo da crítica, é ele que demanda mudança. É da relação com Eric que Otis constitui-se como sujeito da escuta-terapêutica para transformação-mudança.

Por fim, há uma terceira linha constitutiva de Otis, sua relação de enamoramento para com Maeve. É Maeve que convence Otis a operar uma Clínica terapêutica na escola, por seu interesse principalmente econômico; é Maeve que borra as fronteiras do enamoramento e da amizade de Otis – motivo pelo qual Otis não comparece a seu rito, supracitado, com Eric –; é Maeve que convida Otis a pensar seus desejos, por ser objeto de investimento libidinal dele. É esta relação com Otis com representa seu tocante erótico, o mistério da relação não entendida, da busca, do desejar, da falta (CHAUI, 1984; SAFATLE, 2008).

Maeve é a lacuna da escuta, por colocá-lo na relação ambígua do ser desejado pela mesma ou não, considerando sua relação com Jackson Marchetti (Kedar Williams-Stirling) e ao mesmo tempo seus ciúmes quando Otis se relaciona

¹³ Filme *cult*, clássico nas discussões/meios dos movimentos sexuais minoritários de Lésbicas, Gays, Bissexuais e pessoas trans. O filme representa a negociação dos processos de sexualidade, (des)acordos com o corpo e as promessas de realização para aqueles que modifiquem suas corporalidades em (des)acordos com seu investimento libidinal.

com Ola (Patricia Allison). É Maeve que desestabiliza Otis em seu lugar de sujeito de suposto saber da escuta-terapêutica – o que nos leva a chamar esta relação de um enamoramento, onde o sujeito dissocia a si ao mesmo tempo que busca procurar-se para identificar-se (FREUD, 2017).

Vê-se que nesta relação mãe-terapeuta, amizade-minoritária e enamoramento, que Otis constitui-se como sujeito que opera em seu escopo escolar processos de escuta-terapêutica, sendo esta uma das linhas constitutivas de pedagogias culturais para pensarmos a série. Não apenas em termos desta operar tal pedagogia, mas de nos dar indícios para pensar as formações de educadores e relações de uma educação-escola erotizada.

A sexualidade enquanto fundadora de heterotopias

Ao pensar as falas-escutas referentes a sexualidades, vê-se que estas atravessam os múltiplos espaços que compõe o cenário do seriado televisivo *Sex Education*. A paisagem e as arquiteturas, discursam acerca das sexualidades. Michel Foucault (2014; 2015) percepta que as relações espaço-tempo modalizam a experiência, bem como acionam dispositivos que permitem que a sexualidade se expresse. A sexualidade faz-se pelo-no corpo enquanto espaço, bem como especializa os âmbitos pelos quais o corpo transita e investe sua libido. Há, neste sentido, a busca por organizar os espaços à medida que se organiza a sexualidade.

Everton Luis Paulino Vinha (2019, p.8), ressalta as pedagogias operantes nos múltiplos espaços que educam os corpos. Para o mesmo, falar sobre sexualidades-corpos-discursividades, é dizer sobre espaços nos em que se “constitui como um lugar outro do conhecimento, parte e não-parte do nosso ensino que tabuliza e determina como desvio certos objetos discursivos”. É a dobradiça que se faz entre sexualidade-discursividade e *topos* (lugar).

O *topos* é encadeamento ordenativo da paisagem, marcado pelas instituições modernas que delineam os modos de performar as expressões e o dizer sobre a sexualidade, sendo assim dispositivo que permite a seleção, exclusão ou segregação do expressar os desejos (FOUCAULT, 2014). Não é possível situar-se fora de um *topos*, mas é possível elaborar outros *topos*.

Para Marilena Chaui (1984) há diferentes conformações do pensar a sexualidade localizada: em um *eutopos* (lugar feliz), *atopos* (nenhum lugar), *utopos* (lugar algum)... É possível pensar a sexualidade em *não-lugares*, *contraespaços* ou *utopias situadas*, ou seja, em *heterotopias* (FOUCAULT, 2013). Tais heterotopias, considera que

entre todos esses lugares que se distinguem uns dos outros, há os que são absolutamente diferentes: lugares que se opõem a todos os outros, destinados, de certo modo, a apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los. (FOUCAULT, 2013, p. 19-20)

Vê-se neste sentido, que no seriado televisivo as sexualidades e escutas-terapêuticas acerca destas são fundadoras de heterotopias. Elas instauram posições do sujeito-fala-escuta, diferente de qualquer outra, a própria série só é possível por esta demanda de escuta-terapêutica que diz sobre si a partir das sexualidades pulsantes. O espaço neste sentido é constituído na fala (REICH, 1983), movido pela demanda de um espaço em que a escuta-terapêutica é possível e busca colocar-se a pensar (SAFATLE, 2008).

Há diagnose dos sintomas e angústias e negociações com estas, pois há a elaboração de espaços para que tais experiencialidades sejam postas em movimento (FROMM, 1983). Neste ponto há a emergência de outras formas de constituir saberes de si e dos Outros, há pedagogias emergentes em operação.

Cada *take* realizado, mesmo que em espaços similares, os capturam de um ângulo distinto. São multiplicados de modo exponencial os espaços, corpos, narrativas, formas de viver... Isso por que com as sexualidades e suas enunciações, linguagens e saberes emergem, combinam-se, criam e instauram as heterotopias: as escutas-terapêuticas são dadas em banheiros, salas de aulas vazias, embaixo de escadas, em banheiras, na periferia dos pátios, praças, matas... Não há um espaço privilegiado *a priori* para a escuta-terapêutica e elaboração das sexualidades, mas a elaboração destes espaços (CHAUÍ, 1984; REICH, 1983).

O preço a ser pago por tais eventos de escuta-terapêutica é o trazer a linguagem a fundação destes cenários: é elaborá-los discursivamente (FOUCAULT, 2013). Que não se confunda este preço com um olhar mercadológico, o valor de troca-mercantil só tem interesse a Maeve no início da primeira temporada, contudo esta óptica se dissolve ao passo que seu envolvimento por Otis toma tonalidade

erótica – haja visto que o erótico não pode ser mercantilizado sem necrosar (FROMM, 1983).

Adriana Rangel (2018) oferece enunciações para compreendermos esta fundação das heterotopias por outra via. Esta empresta-nos suas lentes para pensarmos as psicanalises de ruas, o que representa a sexualidade enquanto enunciação-escuta-terapêutica que demanda, cria e modifica a paisagem para fazer-se ouvir. É neste sentido a demanda do desejo que funda os espaços, o desejo faz-se e com o fazer-se cria.

Não há localização que escape as transformações devinda dos desejos, seja por uma hermenêutica que compreende uma modificação no modo de tomar (in)consciência, por considerar que a enunciação do mundo atravessa o desejo, porque o espaço modaliza a enunciação, e/ou pela própria demanda-ideação que guia a criação destes espaços para expressão dos sintomas. Expressão de sintomas que buscam transformar uma sociedade murada, criando porosidades e outros chãos para possibilitar a escuta (DUNKER, 2015).

As instituições e seus vieses de disciplinamento (FOUCAULT, 2015), são torcidas, dobradas e transformadas ao passo que o desejo deseja; que a escuta-terapêutica rompe fronteiras e faz-se enunciada (FOUCAULT, 2014); em que a sexualidades erotizam tais espaços (CHAUI, 1984; REICH, 1983).

A prática de escuta-terapêutica, neste sentido, elabora sua própria clínica onde ela fazer-se precisa e necessária (FREUD, 1990). É a clínica colocada em aberta, de modo a superar-desterritorializar o modelo de uma organização de um espaço em que se possa ser realizado o trabalho de repetição de um núcleo normativo (DELEUZE; GUATTARI, 2010) e pagar por um muro de proteção para a prática da escuta (DUNKER, 2015). Em *Sex Education* a sexualidade revoluciona um modelo de espacialidade, colocando no cerne da instituição de pedagogia dos corpos-sexualidades – a escola – a sua própria elaboração pela demanda do desejo (REICH, 1983). Evidencia-se que não é Otis que elabora o espaço com sua escuta-terapêutica, mas aqueles que enunciam e são ouvidos; contudo sem Otis para operacionalizar a escuta-terapêutica, não haveria aqueles que relatam a si e fundam as heterotopias.

Assim, como segunda linha constitutiva das pedagogias culturas no seriado televisivo, vê-se a sexualidade como fundadora de heterotopias, que transforma o

próprio espaço escolar e guia as educações-vidas pela demanda dos desejos. Vê-se que a série nos empresta a sexualidade-desejo como constituição de espaços, no interior do próprio cerne de escola, e seus banheiros como espaços dos desejos.

A incompletude do analista

Como pontuado, o seriado televisivo *Sex Education*, tem como eixo de gravitação os encontros com as escutas-terapêuticas e sexualidades enquanto fundadoras de heterotopias. Tais eixos catalisam a expressão do desejo, e nos dizem sobre as demandas de escutas na temporalidade. Para traçar tais linhas constitutivas, lançamos mão do personagem (conceitual) Otis, enquanto sujeito disponível a escuta pela composição de si, aberto e em agenciamento para os Outros que buscam passar seus desejos pela fala.

Tais aspectos auxiliam-nos a pensar as pedagogias culturais voltadas as escutas-terapêuticas nas educações-escolas. Contudo, só possibilitam uma faculdade de escuta-terapêutica autêntica ao passo que se adiciona um terceiro fio condutor em tal elaboração: a incompletude do analista.

Otis é representado desde o início da série como um sujeito que nutre ambiguidades: é um sujeito disponível a escuta-terapêutica do Outro, referente a suas sexualidades, contudo é virgem; colabora com os processos de subjetivação e simbolização dos Outros no que toca a (auto)percepção de seus corpos, mas tem dificuldades para se masturbar; nutre uma relação de diferenciação e repetição, amor e ódio, distanciamento e aproximação com a mãe; possui um enamoramento que o coloca em uma encruzilhada entre Maeve e Ola, o que o aproxima de uma repetição de um *ethos* de seu pai pelo qual cultivava resistência... Otis é representado neste sentido enquanto sujeito que desenvolve uma própria elaboração-reflexão de si, é sujeito que encontra-se em posição de ambiguidade, controvérsias e incompletude. É sujeito que escuta pois reconhece no Outro a própria de manda de ser escutado (FROMM, 1983).

O Outro vê em Otis um sujeito de suposto saber, e por isso se coloca em análise, mesmo que este tenha dúvidas de tal posição. Neste tocante, Vladimir Safatle (2017) ressalta que

se alguém entra em análise, é porque há uma suposição de saber sobre a verdade do seu desejo. Essa suposição de saber não é apenas uma curiosidade cognitiva, um querer se conhecer melhor, mas é uma expectativa de reconfiguração das estruturas da prática e do cuidado a partir de um saber sobre si mesmo. No entanto, esse saber suposto será destituído, não pela simples constatação da ignorância do analista ou pela ineficácia do discurso analítico, mas pela emergência da circulação de um objeto que sustentava a relação e que esteve, até então velado. Isso nos explica por quê, no discurso do analista, é o objeto que ocupa o lugar de agente. Nesse momento, revela-se ao sujeito como sua ligação à suposição de saber era, na verdade, um vínculo a um objeto que lhe causava, que lhe retirava de si. O saber analítico realiza-se ao se destituir. (SAFATLE, 2017, p. 213)

Assim, Otis é lido pelos sujeitos ao qual ele emprega escuta-terapêutica, enquanto sujeito de um suposto saber que atua e guia a análise com o intuito de desterritorializar esta posição enquanto analista e situar os próprios enunciantes enquanto em relação a seus objetos de desejo e posições de sujeitos; em troca estes Outros devolvem a Otis o favor, e o desterritorializam em relação a sua própria incompletude. Neste deslocamento a análise opera no processo do esvaziamento da posição de suposto saber-verdade (FREUD, 1990; SAFATLE, 2017), que operam clivagens, conexões e derivações acerca dos sujeitos envolvidos nos processos e seus modos de subjetivação (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

A desterritorialização coloca Otis e os Outros diante do desejo, em posições nas quais os desejos faltam. Esta desterritorialização, contudo, é re-territorializada no processo de escuta-terapêutica e produções de espaços heterotópicos, é no reconhecimento e identificação-localização que o sujeito se reorganiza (DELEUZE; GUATTARI, 2010). A reorganização, no próprio processo de escuta-terapêutica e das experiencialidades é torcida, dobrada e desorganizada no processo de análise e o processo é repetido entre os circuitos dos afetos (SAFATLE, 2017) de des-re-localizar-se.

Há aspectos que (des)norteiam esta (des)territorialização ligados a aspectos de um caráter repressivo¹⁴ (CHAUI, 1984), ao passo que os estudantes não sabem

¹⁴ Faz-se necessário ressaltar que Michel Foucault (2015) aponta o ruir de uma hipótese repressiva. Este o faz ao considerar ao menos três aspectos: i) pontuar as técnicas modernas de exame (e também as antigas e medievais), invertem a lógica do pensar o não-dizer sobre a sexualidade enquanto constitutivas do sujeito, para o autor é o confessar, dizer e falar sobre, que os constituem-subjetivam; ii) indicar que ao contrário do caráter repressivo, que desloca as sexualidades-desejos ao campo do não visível, a organização social moderna-contemporânea é ordenada para o regime das

com quem falar, seja por não identificar um sujeito de suposto saber e/ou um espaço de possível para passar o desejo pela fala e ser ouvido. Os próprios sujeitos do espaço escolar, como a direção e os professores, apresentam-se em posição de dificuldades de escuta-fala, devido uma falta de instrumentalização formativa e/ou de uma própria dinâmica de reconhecimento e afirmação enquanto sujeito. Otis na série chega a oferecer escuta-terapêutica a um de seus professores, o mesmo que seria responsável pela disciplina de educação para a sexualidade durante o surto de clamídia – mostrando desconhecer até mesmo as bases biológicas do agente patogênico.

Tal aspecto repressivo indica a própria transformação dos espaços institucionalizados em espaços não abertos para fala (REICH, 1983; FROMM, 1983), o que obstaculiza a enunciação de si em um ambiente voltado a disciplinarização dos corpos (CHAUI, 1984). Indica problemáticas na própria formação dos sujeitos do espaço educativo-escolar, como modo de acionar dispositivos para a não fala – ou, segundo Michel Foucault, para uma fala modulada-modalizada (FOUCAULT, 2015).

A respectiva conformação coloca Otis em posição de controvérsia, ao passo que este é posicionado enquanto um estudante e ao mesmo tempo terapeuta; aquele que deveria escutar e desenvolver habilidades e competências escolares-disciplinares, e aquele que ensina e reconfigura o espaço escolar; o sujeito que borra as fronteiras da escola, e não a deixa desterritorializada/desestruturada, mas reorienta está para a *re*-elaboração das escutas-espacos, funda heterotopias. Otis opera assim a função de agência-agente, desorganiza e reorganiza, e nesta derivativa continua, representa sua incompletude e a incompletude dos Outros – humanos, não-humanos e espaço-temporais (REICH, 1983; FREUD, 1990; DELEUZE; GUATTARI, 2010).

visibilidades, disciplinamento e controle; iii) se o torcermos, em conjunto a Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010), o caráter repressivo encontra-se situado em um regime de estabelecer núcleos de subjetivação bem delineados (Família, Igreja, Estado, Escola...), sendo que tais instituições ruíram e encontram-se difusas na contemporaneidade. Contudo, ao contrário de algumas interpretações que comentadores fazem de tais indicações Foucaultianas, situamos nesse manuscrito que o autor coloca o caráter repressivo sob o julgo da crítica, interpreta-o enquanto um sintoma de seu tempo ao qual precisamos refletir e recalibrar na contemporaneidade. Não há negação da hipótese repressiva, mas a indicativa de sua falência como uma não norma-sistemática; o que não nos impede de pensar seus efeitos nos tempos presentes e os empregos de técnicas repressivas (como a interdição, silenciamento, negação, exclusão, eliminação, segregação, obstacularização, entre outras técnicas derivadas da sistemática repressiva que operam na contemporaneidade).

A incompletude do analista também é representada na série, ao Otis ao defrontar-se com cada escuta-terapêutica, ser levado a refletir, pesquisar e interpretar o caso a partir de uma busca por saberes. Tal aspecto representa ao menos três facetas de sua incompletude: i) Otis percebe na escuta-terapêutica que cada caso possui uma singularidade, logo deve ser operacionalizada uma hermenêutica interminável de cada escuta e isso situa seu espaço de não-saber; ii) Otis busca saberes, elaborações, reflexões – de si e do Outro, dos sintomas e casos narrados –, percebendo assim que seu posicionar pelo Outro enquanto sujeito de suposto saber requer que este busque continuamente por saberes outros; iii) A formação de si, das reflexões de sua própria sexualidade e do reconhecimento de sujeito que deseja, ser dado em Otis após cada escuta-terapêutica.

As respectivas facetas que operam em Otis mostram a posição de um analista enquanto sujeito de um suposto saber, sujeito de não-saber, mas também enquanto sujeito que sabe. Este é o espaço de operações produtivas do poder (SAFATLE, 2017), ao passo que este coloca-se a elaborar nesta composição triádica. Em suma, a cada escuta-terapêutica o Outro e Otis reconhecem-se de mais formas (im)possíveis enquanto desejantes, esta lógica da multiplicação é também o sentido da incompletude (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

Há em contraponto as indicações operadas por afirmações exacerbadas de si, o que Byung-Chul Han (2017) chama de positividade, que irão indicar as incompletudes de Otis. As afirmações exacerbadas de si, levam a uma hipertrofia do Eu, e isso ocasiona no distanciamento de suas próprias linhas de constituição-conformação de Otis: i) quando Otis afirma-se enquanto sujeito adulto, maduro, que tudo sabe, rompe com sua mãe-terapeuta; ii) ao Otis mostrar-se um sujeito que tudo sabe, rompe com a enamorada, Maeve; iii) momentos em que Otis afirma-se enquanto aquele que sabe seu desejo, e deseja Maeve, rompe com seu amigo-minoritário Eric.

Nestes momentos em que Otis busca operar em um espaço da completude, este se deslocaliza em sua própria elaboração de si e escuta do Outro, perde até suas potencialidades de escuta-terapêutica. Nestas rupturas com a mãe-terapeuta, o amigo-minoritário e a enamorada, que Otis encontra a angústia, sua ausência da falta. Se *deserotiza* e devido a isso não se move, e por não se move, não encontra, não sabe o que busca e falta. Todavia, sua própria exacerbação afirmativa não se

sustenta e leva a angústia, pois no espaço de afirmar-se enquanto alguém que sabe coloca-se ao mesmo tempo na possibilidade de caso este saber *falhe*, e falha, viva a situação de desamparo (FREUD, 1996).

Neste aspecto, a tentativa de hipertrofia do Eu via afirmações exacerbadas de si é o que leva as quebras e cisões. Estas devolvem ao campo da relacionalidade, característica do desamparo, os saberes e suas produções. Este deslocamento ao campo do relacional, indica pela via positiva cindida, o caráter de incompletude do analista. Aqui não por uma via repressiva, mas pela via produtiva: se são relações de saberes, logo são relações de poderes e de cuidados, produzidas nas relações de modo infundável (FOUCAULT, 2013; 2014; 2015).

Este trabalho infundável do analista, de escuta-terapêutica, instauração de espaços heterotópicos e de reconhecer-se como sujeito da incompletude-produção, consiste assim em um trabalho de Sisifo¹⁵: a condenação a liberdade de sempre estar criando, elaborando e reelaborando.

Considerações (não) finais

Neste ensaio buscamos apresentar as linhas constitutivas das pedagogias culturais no seriado televisivo *Sex Education* e de seu erotizar das educações-escolas. Evidenciamos, a partir de uma leitura Crítica-Clínica da Cultura, o giro gravitacional da série via as funções terapêuticas desempenhadas pelo Protagonista Otis. Nesta busca de acompanhá-lo, evidenciamos que este seriado indica a possibilidade de pensar o erotizar das educações-escolas considerando: i) as escutas-terapêuticas desenvolvidas nestes espaços, bem como a possibilidade de a partir destas deslocar o desejo de reconhecimento para o reconhecimento dos desejos-identificações e diferenciações; ii) as demandas das sexualidades enquanto instauradoras de espaços heterotópicos, da reelaboração dos cenários e das possibilidades de multiplicar formas de vidas, corpos, linguagens e saberes de si e do Outro; iii) o reposicionamento dos sujeitos enquanto sujeitos da incompletude e

¹⁵ Sisifo consiste em um personagem conceitual da mitologia grega, ao qual após enganar os deuses foi condenado a rolar uma pedra de mármore ao cume de uma montanha. Após alcançar o topo, a pedra rolará e ele iniciará novamente o trabalho. Esta alegoria representa o ato de viver e dos trabalhos cíclicos, intermináveis e criativos.

da produção, destes na localização de analistas voltadas a aberturas e reflexões acerca dos saberes – da própria composição de si enquanto um trabalho de Sisifo.

Embora nosso objetivo foi o pensar as pedagogias culturais na-da série *Sex Education*, está nos dá subsídios para transpormos as reflexões críticas-clínicas deste trabalho para pensar o que é pulsante dos espaços escolares: a demanda de escuta, (com)formação de educadores-estudantes-espacialidades, de temáticas acerca das sexualidades, e da própria reflexão de uma ética do desejo para pensar as educações-escolas e (re)erotiza-las. O que vemos, neste sentido, é a emergência de um sintoma representado neste artefato cultural, que nos leva a colocar em discussão – e não a fechar – a escuta-terapêutica, heterotopias e a produção de si na incompletude. São linhas constitutivas que nos permitem refletir acerca das educações-escolas e dos sintomas contemporâneos. Neste sentido, fiamos tais linhas para colocá-las em reflexão: que agora reflitamos...

Referências

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. **Educação em Revista**, n.33, 2017, p.1-23.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2015

BUTLER, Judit. O que é a crítica? Um ensaio sobre a virtude de Foucault. Trad. Gustavo Hessmann Dalaqua. **Cadernos De Ética E Filosofia Política**, v.1, n. 22, 2013, p. 159-179.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2010.

DUNKER, Cristian Ingo Lenz. **Mal-Estar, Sofrimento e Sintoma**. São Paulo: Boitempo, 2015.

FIGUEIREDO, Luis Claudio. **As diversas faces do cuidado – novos ensaios de psicanálise contemporânea**. São Paulo: Escuta, 2009.

FOUCAULT, Michel. Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung (Conferência proferida em 27 de maio de 1978). Trad. de Gabriela Lafetá Borges e Wanderson Flor do Nascimento. **Bulletin de la Société française de philosophie**, V. 82, n. 2, 1990, p. 35-63

_____. **O corpo utópico, as heterotopias.** São Paulo: n-1 edições, 2013.

_____. **História da sexualidade III: o cuidado de si.** São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **História da sexualidade I: A vontade de Saber.** 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREUD, Sigmund. (1917[1916-17]) Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 16.** Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 287-539.

_____. Inibições, sintomas e angústia. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 20.** Rio de Janeiro: Imago, 1996

_____. **Psicologia das massas e análise do eu.** Porto Alegre: L&PM, 2017.

FROMM, Erich. **Psicanálise da sociedade contemporânea.** 10. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1983

GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor: variáveis e variações. In: BRITO, Maria dos Remédios de; GALLO, Silvio (Orgs). **Filosofias da diferença e educação.** São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016. p. 15-46

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros.** Petrópolis: Vozes, 2017

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Bauru: EDUSC, 2001

MOSÉ, V. **A escola e os desafios contemporâneos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs.). **Alienígenas na sala de aula.** 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 7-38

RANGEL, Adriana de Oliveira. **Psicanálise na Rua.** 145f. Tese (Doutorado em Psicanálise). Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018

REICH, Wilhelm. **A revolução Sexual.** 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983

SAFATLE, Vladimir. **Cinismo e falência da crítica.** São Paulo: Boitempo, 2008

_____. Lacan, revolução e liquidação da transferência: a destituição subjetiva como protocolo de emancipação política. **Estudos Avançados**, v.31, n.91, 2017, p.211-227

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015

VINHA, Everton Luis Paulino. Rita Von Hunty e o ciberespaço: heterotopia dos discursos desviantes do saber. **Revista Koan** – Educação e complexidade, n. 7, 2019, p. 6-25.